

# Classificação nominal em línguas Tupi

## *Nominal classification in Tupian languages*

Luciana STORTO\*

Universidade de São Paulo (USP)

Jéssica Clementino da COSTA\*\*

Universidade de São Paulo (USP)

**Resumo:** No presente trabalho, abordamos a classificação nominal em cinco línguas da família Tupi: Mekéns (ramo Tupari); Karitiana (ramo Arikém); Gavião (ramo Mondé); Karo (ramo Ramarama) e Munduruku (ramo Munduruku). Karo apresenta um sistema com 11 classificadores. Munduruku, de acordo com Gomes (2006, 2009), apresenta um sistema complexo de nomes inalienáveis classificadores de outros nomes, os quais se combinam também com adjetivos, verbos, numerais, entre outras categorias. Tendo em vista a complexidade desse sistema, analisamos esses nomes como classificadores que concordam com adjetivos, nomes e numerais, à semelhança do que ocorre com Karo entre nomes e adjetivos. Mekéns, Gavião e Karitiana não possuem classificadores e sim nomes (alienáveis e inalienáveis) que possuem uma semântica ligada à dos classificadores, já que eles estão presentes em contexto de posse e funcionam como modificadores de outros nomes. Utilizando-nos do método comparativo, identificamos cognatos entre os classificadores do Karo e do Munduruku e os nomes do Mekéns, Gavião e Karitiana. Quatro dessas formas foram reconstruídas como nomes por Rodrigues (2005, 2007), Rodrigues e Cabral (2012), e uma quinta forma foi reconstruída por nós. Os resultados da reconstrução das formas nominais em Proto-Tupi nos fizeram concluir que Karo e Munduruku inovaram ao criarem um sistema de classificadores não presente na protolíngua. No entanto, é altamente plausível que estes nomes tenham tido, já na proto-língua, uma função classificadora.

**Palavras-chave:** Tupi. Classificação Nominal. Classificadores. Reconstrução

**Abstract:** In this paper, we discuss nominal classification in five languages of the Tupian family: Mekéns (Tupari branch); Karitiana (Arikém branch); Gavião (Mondé branch); Karo (Ramarama branch) and Munduruku (Munduruku branch). Karo presents a system of classifiers consisting of eleven items. Munduruku, according to Gomes (2006, 2009) presents a complex system of inalienable nouns that classify other nouns and combine with adjectives, verbs, numerals, among other categories. Considering the complexity of this system, we analyzed these nouns as classifiers, similarly to what occurs with Karo. Mekéns, Gavião and Karitiana do not have classifiers proper, but they present instead alienable and inalienable nouns with a function similar to that of classifiers, which are present in the context of possession and modify other nouns. Using the comparative method, we identified cognates among Karo and Munduruku classifiers, on one side, and Mekéns, Gavião and Karitiana nouns, on the other side. Four of these forms were taken from Rodrigues (2005, 2007) Rodrigues e Cabral (2012) and one form was reconstructed by us. We conclude that Karo and Munduruku innovated by creating a system of classifiers which is not present in the proto language. However, the hypothesis that these nouns had a classifying function in the mother language is highly plausible.

**Keywords:** Tupian. Nominal Classification. Classifiers. Reconstruction

---

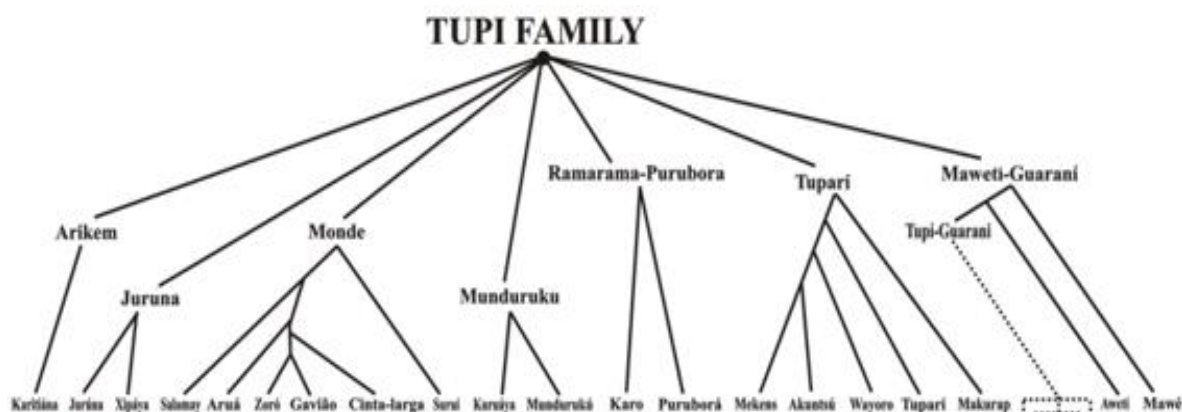
\* Professora do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. E-mail: storto@usp.br

\*\* Mestranda em Linguística Geral pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo – DL-USP. Bolsista FAPESP. E-mail: jessica.cc@usp.br

## Introdução

Os 10 ramos em que se agrupam as línguas da família Tupi localizam-se quase que majoritariamente na área amazônica brasileira: ramos Tupi-Guarani, Puruborá, Awetí, Juruna, Mawé, Munduruku, Mondé, Ramarama, Arikém e Tupari. Geograficamente, há 5 ramos localizados hoje em Rondônia (Puruborá, Ramarama, Mondé, Tupari e Arikém) e 5 fora do estado (Juruna, Munduruku, Mawé, Aweti, Tupi-Guarani). Rodrigues (2007) propõe uma divisão genética da família em dois subgrupos principais, o que reflete esta divisão geográfica: ocidental (línguas de RO) e oriental (línguas de fora de RO). Escolhemos uma representação mais conservadora da divisão genética da família, apresentada na figura abaixo, que considera os subgrupos Mawé-Aweti-Tupi-Guarani e Puruborá-Ramarama, mas não chega a agrupar os outros ramos como mais próximos ou distantes entre si:

Figura 1: Classificação Genética da Família Tupi (Galúcio et. al, submetido a publicação)



Após analisar o sistema de classificação nominal em cinco línguas pertencentes a cinco famílias diferentes do Tronco Tupi – Mekéns (ramo Tupari); Karitiana (ramo Arikém); Gavião (ramo Mondé); Karo (rama Ramarama) e Munduruku (ramo Munduruku) – Costa (2011) constatou semelhanças e diferenças nos padrões relacionados à classificação nominal nessas línguas.

Segundo Gabas (1999), Karo é uma língua Tupi que possui um sistema de classificadores, porém pouco desenvolvido (com onze classificadores). Caso um adjetivo ocorra com um nome que possui um classificador, este último, por concordância, aparece marcando o adjetivo também.

Munduruku possui classificadores nominais segundo Crofts (1973, 1985) e Aikenvald (2012). Para Aikenvald (2012), em Munduruku há mais de cento e vinte classificadores que caracterizam o nome referente quanto à forma. Para Crofts (1973, 1985), esta língua possui em torno de cinquenta classificadores, que também são nomes inalienáveis. Gomes (2006, 2009), por outro lado, afirma que em Munduruku não há classificadores, mas um grupo, menos extenso daquele proposto por Crofts (1973, 1985), de nomes inalienáveis que desempenham função classificadora. Esses nomes são chamados de Nomes com Função Classificadora (doravante NFC). O autor afirma que os NFC não formam um sistema de classificadores, nem uma classe específica. Eles são nomes inalienáveis que podem classificar outros NPs. Nessa função, eles podem aparecer compostos com outros predicados, como verbos, adjetivos, numerais e outros nomes inalienáveis. No seu sentido primitivo, eles designam o nome de partes – animal (cabeça, dedo) ou vegetal (folha, semente) – e estabelecem uma relação de parte-todo com outro núcleo nominal.

Na presente pesquisa, analisamos os NFC do Munduruku como classificadores, uma vez que estes nomes: i) concordam com elementos dentro e fora do SN (adjetivos ou numerais e verbos,

respectivamente); ii) classificam o nome quanto à sua forma; e iii) apesar de possuírem uma origem lexical clara, quando classificam um nome, são obrigatórios (não possuem autonomia lexical). Assim, Mundurucu e Karo (conforme será mostrado mais adiante), gramaticalizaram alguns nomes, tornando-os classificadores, sendo que muitos desses nomes continuam sendo núcleos de sintagmas nominais e pronomes nas línguas.

Karitiana, Mekéns e Gavião, por sua vez, possuem um sistema de classificação nominal simples, no qual nomes livres e/ou presos, em contexto de posse, funcionam como modificadores de outros nomes. Nessa função, eles classificam objetos de acordo com as características físicas, ou funcionais destes.

Segundo Aikenvald (2012), em muitas línguas Tupi há um tipo de classificação nominal como o discutido nas quatro línguas acima citadas. De acordo com a autora, na família Tupi-Guarani, existiria um grupo de morfemas classificadores que categorizam, com semântica genérica, o nome possuído de construções possessivas. Em Urubu-Kaaapor (Tupi-Guarani), por exemplo, haveria alguns nomes de animais, como o nome cachorro (*jawar*), que não podem receber prefixos de posse diretamente. Nesses casos, o classificador de semântica genérica deve aparecer junto ao prefixo de posse, antes do nome possuído. Tal fato também é encontrado em Mekéns, conforme veremos adiante.

Observando que apenas duas línguas Tupi possuem um sistema de classificadores, levantamos duas hipóteses quanto à classificação nominal no Tronco Tupi: ou i) Karo e Mundurucu são línguas inovadoras e adquiriram um sistema de classificadores próprio; ou ii) estas duas línguas são conservadoras e preservaram um sistema de classificadores já existente na protolíngua e perdido pelas outras línguas Tupi estudadas.

Para identificar a hipótese correta, buscamos possíveis cognatos entre os classificadores do Karo e do Mundurucu com nomes (alienáveis e inalienáveis) das outras quatro línguas estudadas. Baseando-nos em Rodrigues (2005, 2007 e 2012), identificamos a existência de quatro dessas formas nominais no Proto-Tupi. Utilizando o método comparativo podemos identificar que todas as cinco formas reconstruídas em Proto-Tupi são nomes. Desse modo, Karo e Mundurucu são línguas inovadoras por desenvolverem um sistema de classificadores próprio. Demonstraremos, ao longo do artigo, como esta hipótese foi comprovada por esta pesquisa.

## **1 O sistema de classificação nominal na Amazônia**

De acordo com Grinevald (2000), os classificadores constituem um sistema aberto de categorização nominal, de clara origem lexical, usado em construções morfossintáticas específicas. Segundo a autora, os classificadores não são categorias completamente gramaticalizadas, como são as classes nominais das línguas Bantu. Eles possuem uma natureza lexical evidente e são usados em construções sintáticas específicas. Ademais, os classificadores se distinguem de sistemas puramente lexicais (isto é, nomes que modificam outros nomes), pois eles são morfemas, independentes ou afixais, que se prendem a elementos de uma oração.

Segundo Payne e Seifart (2007), os sistemas de classificação nominal do Noroeste da Amazônia foram descritos na literatura como “sistemas mistos”, por possuírem características tanto do sistema de classificadores quanto do sistema de classes nominais. Para os autores, as línguas Amazônicas possuem um sistema próprio de organização da sua gramática. Em Yagua (Peba-Yagua), por exemplo, os classificadores podem ter funções derivacionais, isto é, podem formar novos lexemas, assim como podem aparecer em funções flexionais, ou seja, podem concordar sintaticamente com os componentes de uma sentença, o que é característico do sistema de classes nominais da língua Bantu. No entanto, os mesmos classificadores são necessários com demonstrativos e numerais (concordância dentro do sintagma nominal), como ocorre com o sistema de classificadores do Chinês.

Nas línguas Karo e Mundurucu, também podemos encontrar padrões mistos entre classificadores e classes nominais. Em ambas as línguas, há concordância do classificador com adjetivos (dentro do sintagma nominal) e em Mundurucu há concordância, ainda, com verbos

(concordância com predicado fora do sintagma nominal). Mas também há classificação do nome quanto à sua forma em ambos e concordância com numerais em Munduruku somente.

Para a presente pesquisa, consideramos que uma língua Tupi possui classificadores quando: i) há um grupo de partículas/nomes que, mesmo possuindo origem lexical clara, classificam um nome quanto à forma, função, classe; ii) enquanto classificadores, perdem sua autonomia lexical; iii) estabelecem algum tipo de concordância com outros elementos dentro do sintagma nominal ou da sentença (verbo, adjetivo, numeral, demonstrativo, etc.).

## 2 Análise diacrônica dos dados

Objetivando reconstruir a protoforma que originou alguns dos classificadores do Karo e do Munduruku e os nomes nas outras quatro línguas Tupi, levantamos os dados acerca da classificação nominal em Karo, Mekéns, Munduruku, Gavião e Karitiana. Buscamos correspondências regulares que pudessem evidenciar uma origem em comum entre os classificadores e os nomes estudados.

Observamos semelhanças fonológicas entre os classificadores do Karo e do Munduruku e outros nomes (alienáveis e inalienáveis) do Karitiana, Mekéns e Gavião. Quatro formas reconstruídas dos cognatos no Proto-Tupi foram identificadas em Rodrigues (2005, 2007 e 2012). A última forma (\**pap*) é uma proposta de reconstrução deste trabalho. Abaixo, segue tabela com os possíveis cognatos:

Tabela 1: Cognatos e formas reconstruídas na Família Tupi

Proto-Tupi	Karo	Gavião	Karitiana	Munduruku	Mekéns
*ep <sup>w</sup> Folha (RODRIGUES, 2007)	peʔ Achatado	sep Objeto como folha	sap Folha	-sup/-tup Objeto como folha	-ep Folha
*kʔip Árvore (RODRIGUES, 2007)	ʔip Cilíndrico e médio	ʔiip Objeto longo e fino	ʔep Árvore; Osso	-ʔip Em forma de pau/bastão; Árvore	kip Árvore
*ʔa Fruta/cabeça (RODRIGUES, 2007)	ʔaʔ Redondo	káp/aá Objeto redondo; fruta	-ʔo Fruta	-ʔa Objeto redondo	ʔa Fruta
*ʔi Água (RODRIGUES, 2007)	ici Água	ci Líquido	-se Líquido	-di/-ti Qualquer líquido	iki Água
*pap <sup>2</sup> Objeto cilíndrico e grande	pap Cilíndrico e grande	áp Objeto longo e fino		-ba/-pa Cilíndrico e flexível; Braço	

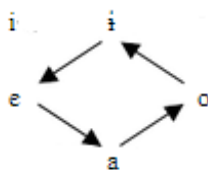
De acordo com Rodrigues (2005, 2007 e 2012), as formas reconstruídas são nomes simples. O cognato para a forma reconstruída \*ʔi ‘água’ não corresponde a um classificador no sistema do Karo (sendo apenas um nome simples, *ici* ‘água’), mas corresponde a um classificador em Munduruku.

A mudança vocálica é uma correspondência sonora regular muito frequente nos cognatos encontrados. Este processo consiste em uma mudança regular das vogais do Proto-Tupi (PT) para o

<sup>2</sup> Segundo Rodrigues (2007), a forma \**pap*, em Proto-Tupi, é a reconstrução do verbo ‘morrer’.

Proto-Arikém (PA). Essa mudança foi proposta por Rodrigues (1986) e corroborada por Storto e Baldi (1994), que afirmam que houve as seguintes mudanças vocálicas do PT para o PA:

**Figura 2: Mudança vocálica do Proto-Arikem proposta por Storto e Baldi (1994)**



Conforme vemos no diagrama apresentado acima na figura 2, a sequência de mudança de mudança vocálica é:

PT e > PA a, PT a > PA o, PT o > PA i, e PT i > PA e

Abaixo, comentaremos detalhadamente cada cognato e os termos reconstruídos.

- 1) **\*ep<sup>w</sup> ‘folha’ (Rodrigues):** em final de palavra, a oclusiva bilabial surda labializada \*/p<sup>w</sup>/ realiza-se como oclusiva bilabial surda /p/ na maioria dos cognatos, exceto no cognato de Karo, no qual observamos a realização da oclusiva glotal /ʔ/. Rodrigues (2007) propõe \*/p<sup>w</sup>/ e \*/p/ como fonemas diferentes em Proto-Tupi (PT) porque seus reflexos não são os mesmos nas línguas filhas. O caso do Karo, onde temos uma oclusiva glotal na posição do cognato em que temos um [p] nas outras línguas filhas é uma das correspondências que motivaram a proposta do fonema p labializado, juntamente com o fato de que em Proto-Tupi-Guarani (PTG) o reflexo de PT \*/p<sup>w</sup>/ é PTG \*/p<sup>w</sup>/. Identificamos a mudança da vogal intermediária conforme visto em Storto e Baldi (1994): a vogal /e/ permanece nas línguas Gavião, Mekéns e Karo; realiza-se como /a/ em Karitiana. Nos cognatos do Karo, Gavião, Karitiana e Munduruku há um fonema consonantal no início da palavra: fricativa alveolar surda /s/ em Gavião, Karitiana e Munduruku. Moore e Galúcio (1994) reconstróem um fonema \*D em Proto-Tupari que corresponde a estes mesmos reflexos de /s/.
- 2) **k<sup>ʔ</sup>ip ‘árvore’:** o protofonema oclusivo velar glotalizado /\*k<sup>ʔ</sup>/ passa por um processo de anteriorização em Karo, Karitiana e Munduruku, realizando-se como uma oclusiva glotal /ʔ/, processo comum encontrado na passagem do Proto-Tupi para as outras famílias (RODRIGUES, 2005, 2007, RODRIGUES; CABRAL 2012). Em Mekéns, o protofonema oclusivo velar glotalizado /\*k<sup>ʔ</sup>/ realiza-se como oclusiva velar simples /k/. Percebe-se a ocorrência da mudança em cadeia das vogais orais do PT para o Proto-Arikém: Karo e Mekéns /i/ > Karitiana /e/. Esta mesma mudança vocálica corresponde a /i/ em Mundurukú e Gavião (regra proposta por Rodrigues 2007 para as famílias Munduruku e Mondé). Em coda, a oclusiva bilabial surda \*/p/ tem o mesmo reflexo em todos os cognatos.
- 3) **\*ʔa ‘fruta’, ‘cabeça’:** A vogal /\*a/ conservou-se quase que majoritariamente em todas as línguas analisadas do Tronco Tupi, com exceção da língua Karitiana, que realiza a vogal /o/. A oclusão glotal inicial permaneceu em todos os cognatos, com exceção do Gavião, que elidiu esse fonema.
- 4) **\*ʔi ‘água’:** A vogal alta central /\*i/ mudou de qualidade para alta anterior /i/ nas línguas Munduruku e Gavião. Em Karitiana, a mudança gerou a vogal média-alta anterior /e/.

- 5) \***pap**: a vogal /a/ possui correspondentes nos três cognatos selecionados. Há elisão da oclusiva bilabial surda /p/ ora na posição de ataque silábico (Gavião), ora na posição de coda (Munduruku). Em Karo, a clusiva bilabial surda é preservada em ambas as posições.

As formas reconstruídas dos cognatos das cinco línguas estudadas são nomes simples, logo, não temos evidências de que em Proto-Tupi havia classificadores, o que corrobora a hipótese de que o sistema de classificadores do Karo e do Munduruku sejam inovadores.

A hipótese apresentada nesse trabalho vai ao encontro do trabalho mais recente de Rodrigues e Cabral (2012), no qual os autores afirmam que não é possível reconstruir em Proto-Tupi um sistema de classificação nominal. Todavia, de acordo com os autores, isso não implica que a protolíngua não tivesse condições morfossintáticas para desenvolver tal sistema semântico de classificação.

### 3 Apontamentos sobre a classificação nominal das línguas Tupi

Nessa seção, apresentamos dados que mostram o sistema de classificação nominal nas línguas Karo, Munduruku, Mekéns, Karitiana e Gavião.

#### 3.1 Karo

Os dados de Karo foram extraídos de Gabas (1999). Os classificadores do Karo são:

Tabela 2: Classificadores do Karo

Classificador	Significado	Classificador	Significado
pap	Cilíndrico, grande	ʔaʔ	Redondo
ʔip	Cilíndrico, médio	kaʔ	Côncavo ou convexo
piʔ	Cilíndrico, pequeno	kap	Grupo de mesma origem
peʔ	Achatado	maʔ	Grupo de origem diferente
ciʔ	Fino	ŋa	Feminino

Fonte: Gabas (1999)

Os onze classificadores são partículas funcionais livres, não são afixados ao nome e nem são obrigatórios. Eles podem ocorrer com o núcleo nominal do sintagma nominal (contexto prototípico de ocorrências); em construções genitivas (o classificador ocorre depois do sintagma nominal, porém ele segue o núcleo do sintagma, isto é, o nome possuído); em compostos (o classificador não segue o núcleo, mas o primeiro nome do NP, isto é, o modificador do nome composto). Quando um adjetivo ocorre em um desses três tipos de construção, o classificador aparece depois do adjetivo, concordando com ele. Exemplos<sup>3</sup>:

(1) **iu pap ci kãp pap**  
 açai CL água delicioso CL  
 ‘Delicioso vinho de açai’

(2) **karo nãk ʔaʔ pĩk ʔaʔ**

<sup>3</sup> Neste trabalho, usaremos as seguintes abreviaturas (a ordem está de acordo com o aparecimento nos exemplos): **CL**: classificador. **R1**: indicador de determinante contíguo. **NFC**: nome com função classificadora. **3S**: terceira pessoa do singular. **R2**: indicador de determinante não-contíguo. **PRF**: aspecto perfectivo. **1s**: primeira pessoa singular. **O.peq.red**: objeto pequeno e redondo.

arara boca CL preto CL  
 ‘Boca preta da arara’

Em Karo, os classificadores classificam o nome ao qual se associam quanto à forma, à função, ao gênero e ao arranjo. Além disso, é possível identificar uma origem claramente lexical em dois desses classificadores, como é o caso do classificador *ʔaʔ*, que também é nome e significa ‘fruta’; e *ŋa*, que é um pronome de terceira pessoa do plural feminino.

Devido ao baixo número de classificadores existentes, podemos considerá-lo um sistema atípico, uma vez que línguas que possuem um sistema prototípico de classificadores (Chinês, por exemplo) apresentam mais de cem classificadores em seu sistema (GRINEVALD, 2000).

### 3.2 Munduruku

Os dados de Munduruku foram extraídos de Gomes (2006, 2009) e Crofts (1973, 1985). Gomes (2006, 2009) afirma que em Munduruku não há um sistema de classificadores, mas NFC, classe de nomes inalienáveis que desempenham uma função classificadora. Esses nomes não formam um grupo específico e não desempenham exclusivamente uma função classificadora. Abaixo, encontramos uma lista representativa desses nomes.

Tabela 3: NFC do Munduruku

NFC	Significado
-bu	Cilíndrico e flexível
-´a	Arredondado
-´uk	Oco
-dup	Foliforme
-da/-ta	Graniforme
-´ip	Em forma de pau/bastão

Fonte: Gomes (2006)

De acordo com Gomes (2006, 2009), a semântica dos NFC está relacionada à forma do objeto classificado. Eles possuem uma origem lexical bem clara e, quando desempenham a função classificadora (uso derivado do nome), não possuem autonomia lexical. Assim como observamos no Karo (*ʔaʔ* ‘fruta’; *ŋa* ‘elas’) muitos desses nomes continuam sendo sintagmas nominais na língua, todavia, em contextos específicos, desempenham função gramatical de classificador.

Nesse trabalho, assumimos a hipótese de que esses nomes, na função classificadora, são partículas gramaticalizadas. O fato de eles poderem concordar com verbos, adjetivos, numerais, e demonstrativos e de perderem a autonomia lexical (são obrigatórios nas construções de classificação), evidencia-nos um comportamento de partículas gramaticais.

- (3) **Bekicat puy Ø-bu** [o’=su-bu-aoka]  
 Menino cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar.PRF  
 ‘O menino matou a cobra’
- (4) **Warepupu dup** o’=tup-‘at  
 Borboleta R1.NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF  
 ‘A borboleta caiu’

O fato de a ausência da concordância do classificador no predicado verbal gerar agramaticalidade<sup>4</sup> confirma a nossa hipótese de que esse fenômeno em Munduruku é concordância e não apenas incorporação por repetição, como discute Gomes (2006, 2009).

<sup>4</sup> Sentença (3) sem concordância com objeto gera agramaticalidade.

\*bekicat puy [o’=su-bu-aoka]

### 3.3 Mekéns

Os dados de Mekéns foram extraídos de Galucio (2001). Em Mekéns, todos os cognatos encontrados são nomes simples que podem aparecer livremente na sentença. Todavia, em Mekéns, alguns nomes alienáveis, em construções genitivas, podem ser classificados por outros nomes com semântica genérica. Esses nomes são chamados por Galucio (2001) de *Classifier Stem*. Eles também podem aparecer como nomes livres.

- (5) **o-ŋo ameko**  
1s-animal cachorro  
'Meu [*animal*] cachorro'

- (6) **o-iko apara**  
1s-comida banana  
'Minha [*comida*] banana'

Esses nomes classificadores, isto é, *ŋo* 'animal' e *iko* 'comida', perdem sua autonomia lexical e categorizam o nome possuído da construção genitiva. Assim, os nomes *ameko* 'cachorro' e *apara* 'banana' pertencem, respectivamente, à categoria dos animais e das comidas.

### 3.4 Karitiana

Em Karitiana, nomes presos podem ser considerados inalienáveis. Em posição de núcleo em construções compostas, perdem parcialmente sua autonomia lexical ao formam um nome composto junto com outro nome. O nome-se 'líquido', por exemplo, é um nome inalienável. Quando composto com outros nomes, ele define um novo nome. Exemplos:

- (7) a) **-se**: 'líquido', 'rio'  
b) **e-se**: 'chuva'  
c) **'eete-se**: 'mel de abelha', onde **'eet** é abelha  
d) **goharara-se**: 'leite de borracha, seringa', onde **goharara** é borracha  
e) **nõm-se**: 'leite materno', onde **nom** é seio

### 3.5 Gavião

Os dados de Gavião foram extraídos de Moore (1984). Segundo o autor, na língua Gavião, nomes podem ser classificados por outros nomes. Esses nomes classificadores formam um composto de palavras complexas com a expressão nominal precedente.

Todos os cognatos do Gavião coletados neste trabalho são desse tipo. À semelhança do Munduruku, esses nomes podem ter dois sentidos: um primitivo e um derivado, que origina a leitura classificadora. Assim, *káp* significa ‘ovo’ (sentido primitivo), mas pode ter um sentido derivado e significar ‘objeto pequeno e redondo’.

- (8) **zoc**      **káp**  
chuva    o.peq.red  
‘Granizo’

### Considerações finais

Por meio da análise dos cognatos e das cinco formas reconstruídas pudemos perceber que, em Proto-Tupi, os nomes reconstruídos eram provavelmente nomes simples. Desse fato, mostramos que não há evidências claras de que em Proto-Tupi havia classificadores. Assim, acreditamos que Karo e Munduruku tenham inovado na direção de criar um sistema de classificação nominal, pois não foi possível reconstruir classificadores na protolíngua.

A análise dos dados das línguas Mekéns, Karitiana e Gavião mostra que há, nessas línguas, um processo de classificação relacionado às construções compostas ou genitivas com nomes inalienáveis. A perda da autonomia lexical desses nomes nesses tipos de construções é um processo emergente que parece estar na origem dos sistemas de classificadores de modo geral. Graças a esta característica, hipotetizamos que os nomes reconstruídos neste artigo para o Proto-Tupi tinham uma função classificadora.

### Referências:

- AIKHENVALD, A.Y. *The languages of the Amazon*. New York: Oxford University Press, 2012.
- CROFTS, M. *Aspectos da língua Mundurukú*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Munduruku*. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1973.
- COSTA, J. C. *Classificação Nominal nas línguas do Tronco Tupi: Relatório Final de Inicial Científica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- GABAS JÚNIOR, N. A. *Grammar of Karo (Tupi, Brazil)*. Tese (Doutorado) - Universidade da Califórnia, Santa Barbara, 1999.
- GALUCIO, A. V. *The morphosyntax of Mekens (Tupi)*. Tese (Doutorado) - University of Chicago. Chicago, 2001.
- \_\_\_\_\_, S. MEIRA, J. BIRCHALL, D. MOORE, S. DRUDE, N. GABAS JÚNIOR, L. STORTO, G. PICAÑO, C. RODRIGUES. Genealogical Relations and Lexical Distances within the Tupian Linguistic Family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi v. 10, n. 2*, Belém, 2015.
- GOMES, D. M. Classificação Nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia. *LIAMES 9: línguas indígenas americanas*, p. 7-25. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Estudo Morfológico e sintático da Língua Munduruku (Tupi)*. 2006. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GRINEVALD, C. A morphosyntactic of classifiers. In: SENFT, G. (Ed.). *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge: University Press. 2000.
- MOORE, D. *Syntax of the Language of the Gavião Indians of Rondônia*. Brazil. Ph.D. (Dissertation), New York: City University of New York, C.U.N.Y. 1984.

MOORE, D; GALUCIO, A. *Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels. Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, jul. n. 2-4, 1993 and the Hokan-Penutian Workshop July 3, 1993*, p. 119-37. 1994.

RODRIGUES, A. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. As vogais orais do Proto-Tupi. In: \_\_\_\_\_. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL ET. AL. (ORG.). *Línguas e Culturas Tupí*. Brasília: LALI/Curt Nimuendajú, 2007.

\_\_\_\_\_. CABRAL, A. S. A. C. *Línguas e Culturas Tupí*. Brasília: LALI/Curt Nimuendajú. 2007.

\_\_\_\_\_. Tupían. In: CAMPBELL, Lyle; Grondona, Verónica. (Org.). *The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 495-573.

STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Ph.D. (Dissertation) - Massachusetts Institute of Technology. Massachusetts. 1999.

STORTO, L.; BALDI, P. The Proto-Arikem Vowel Shift. In: CONFERÊNCIA ANUAL DA LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 1994. Apresentação oral. Manuscrito.